

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



RE(INVENTANDO) MEMÓRIAS DA PRAÇA: UM MODO DE CONSTITUIR, ATRAVÉS DE NARRATIVAS, REPRESENTAÇÕES DA FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE/RS

Gisele Massola – UFRGS/ULBRA¹

RESUMO

A Feira do Livro de Porto Alegre é um evento cultural bastante consolidado, promovido anualmente pela Câmara Rio-Grandense do Livro, em parceria com o Ministério da Cultura, a Secretaria Estadual de Cultura e a Prefeitura Municipal. Neste artigo, focalizo um conjunto de dez depoimentos, tomados como narrativas que descrevem e, portanto, produzem significados a este evento cultural, disponibilizadas no webdocumentário *Memórias da Praça: passado e futuro da Feira* (<http://zerohora.clicrbs.com.br/>). O objetivo é discutir representações dessa Feira constituídas, especialmente, neste artefato. O estudo é recorte de uma pesquisa mais ampla, de doutorado em Educação, e se ancora na perspectiva teórica dos Estudos Culturais. Autores como Arfuch, Canclini, Chartier, Culler, Hall, Sarlo, entre outros são centrais nesta pesquisa. As análises empreendidas permitem registrar como o evento tem-se configurado, como um local no qual se mobilizam e criam muitas ações entre as quais estão às que em parecem destacar/delinear/configurar uma identidade cultural para a cidade e para a própria Feira.

Palavras-chave: Representações. Identidade. Narrativa. Memória. Feira do Livro.

Iniciando a conversa...

Caminhando pelas ruas do centro da cidade de Porto Alegre/RS, observo o movimento das pessoas que se deslocam em sentidos diferentes – uns são trabalhadores, outros estudantes, outros ainda, consumidores em busca de um artigo desejável que satisfaça uma busca momentânea, e outros, como eu, admiradores curiosos dessa paisagem urbana. Todas estas pessoas vivem no contexto de um grande centro urbano, configurado e

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Educação e Licenciada em História ambos pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Atualmente, é professora tutora dos cursos de Graduação em Licenciatura de Ciências Sociais, História, Geografia e Pedagogia na modalidade de Educação à Distância da ULBRA.

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



reconfigurado por uma infinidade de cenários, arquiteturas, sons, imagens, paisagens; todas compartilham, convivem e modificam este “mesmo” espaço – Porto Alegre. Nessa rede interligada de pessoas, percepções, intenções, identificações, representações, linguagens, vou ensaiando certo olhar de pesquisadora, interessada na multiplicidade de histórias, de memórias, de entendimentos e de significados contemporâneos para o espaço urbano.

Sigo pela Praça da Alfândega, em direção à Feira do Livro. Atravesso algumas ruas e logo percebo a presença de diferentes estruturas que configuram um cenário característico, que anualmente se constitui no centro da cidade de Porto Alegre. Transitando pelas vias de acesso que circundam a praça, vejo *banners* coloridos decorando a fachada de entrada dos prédios históricos, observo barracas repletas de livros, cartazes espalhados contendo o nome de diferentes editoras, pessoas transitando pelas alamedas e caminhos da feira, detendo-se diante de uma das muitas “novidades editoriais” exibidas com destaque ou postadas em frente às bancadas nas quais se empilham livros em promoção. Ouço os alto-falantes que anunciam atividades variadas – lançamentos, exposições públicas, atrações circenses, entrevistas com autores, entre tantas outras atividades que acontecem de forma simultânea para seduzir o público que por ali passa. Uma multiplicidade de sons também vem habitar essa cena – bandas, corais, orquestras, músicas para ambientação de espaços reservados, vozes, risos, barulho de gente em movimento.

Na chegada ao que seria o ponto de entrada deste evento, nas proximidades da Praça da Alfândega, quase junto ao Museu histórico Santander Cultural, há uma espécie de pórtico com um banner de fundo branco e letras coloridas contendo a seguinte mensagem: *(Abra espaço para a Literatura), (Abra um espaço para o livro), (Abra um espaço para debates), (Abra um espaço para autógrafos)*. Logo abaixo no canto direito, em tamanho menor, o símbolo da Feira, que caracteriza uma de suas marcas, seguido dos emblemas de patrocinadores, apoiadores, financiadores e realizadores.

Anotações realizadas em outubro de 2012, por ocasião de visita a 58ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



A partir do relato que apresento no excerto acima, apresento introdutoriamente, o cenário no qual se localiza o evento que venho analisando em minha pesquisa de Doutorado – a Feira do Livro de Porto Alegre que, no ano de 2013, estará em sua quinquagésima nona edição. As expressões em evidência, destacadas mais ao final, em forma de convite, compõem o *slogan* publicitário, espalhados pela cidade em *outdoors*, *banners*, *folders*, sites, peças publicitárias, matérias e suplementos em jornais, além de vinhetas nos intervalos de programações televisivas e informativos nas paradas de ônibus, que anunciavam e convocavam a população a participar da 58ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre, no ano de 2012. Tal evento cultural, que se realiza anualmente desde 1955 ininterruptamente, é promovido pela Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL) em parceria com o Ministério da Cultura (MinC) e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, sendo visto como um dos mais expressivos e representativos de Porto Alegre/RS, tanto em termos de extensão, quanto de circulação de pessoas.

Neste texto, focalizo um conjunto de dez depoimentos, tomados como narrativas que descrevem e, portanto, produzem significados a este evento cultural, disponibilizados no webdocumentário *Memórias da Praça: passado e futuro da Feira* – divulgado através do site institucional do Grupo RBS (<http://zerohora.clicrbs.com.br/>) – que integra o conjunto de artefatos comunicacionais desse grupo midiático, tendo como um de seus veículos principais de comunicação, o Jornal *Zero Hora*², de Porto Alegre/RS. O objetivo é discutir representações dessa Feira constituídas, especialmente, neste artefato estando atenta às questões envolvendo as políticas culturais, detendo-me na busca de significados atribuídos a

² Este jornal, criado nos anos 1960, é editado, desde a sua fundação, diariamente. Ele ocupou o espaço deixado pelo jornal, Última Hora, de propriedade do jornalista Samuel Weiner, que encerrou sua publicação durante o período de implantação do golpe militar no Brasil, em 1964. Aliás, este periódico foi adquirido, neste período, pelo também jornalista e empresário Ary Carvalho, que alterou sua denominação e captou novos sócios. Nos anos 1970, a família Sirotsky adquiriu o controle majoritário da Empresa, constituindo, então, o Grupo da Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS) que se tornou responsável pela edição do Jornal Zero Hora. Atualmente este grupo é apontado como um dos maiores complexos multimídia da região Sul do país, possuindo, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, oito jornais, vinte e quatro estações de rádio AM e FM, dois portais na internet, dezessete emissoras de televisão afiliadas à Rede Globo, duas emissoras locais denominadas comunitárias e um canal veiculado nacionalmente voltado para o segmento rural. De acordo com informações divulgadas pelo Grupo RBS, através do site institucional, a tiragem do jornal já atingiu o número de 190 mil exemplares por dia.

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



esse evento cultural. Ou seja, as narrativas selecionadas ajudam-me a pensar como esse evento cultural tem operado instituindo ideias, práticas, configurando experiências, argumentos que subjetivam inúmeros outros sujeitos através de discursos e práticas associadas a certos entendimentos sobre cultura, práticas culturais e escolhas educativas, que circulam/circularam neste evento.

Ressalto ter escolhido tal artefato associado ao Jornal *Zero Hora*, para nele proceder minhas análises, por ser esse gerenciado por um grupo midiático de expressiva atuação na região sul do Brasil e, especialmente, por ser esse ambiente internético uma ampliação dos espaços jornalísticos. Além disso, esse grupo passou a conceder espaços cada vez maiores à divulgação deste evento, especialmente, a partir da década de 1990. Destaco, ainda, ter esse grupo empresarial se tornado um dos principais patrocinadores e apoiadores da Feira, desde meados dos anos 2000. Justifico a importância da realização de um estudo sobre tal evento, em função da relevância que a ele tem sido conferida, bem como por esse veicular ações e programações explicitamente listadas como promotoras da cultura no Estado para as quais têm sido carregados significativos investimentos tanto de recursos públicos, quanto da iniciativa privada.

O estudo norteia-se nos aportes teóricos dos Estudos Culturais em Educação, valendo-se das análises culturais inspiradas nas contribuições de autores, como: Arfuch (2006), Canclini (2007), Culler (1999), Hall (1997), Kellner (2006), Yúdice (2006), Sarlo (2007), Wortmann (2007), entre outros autores que investigam práticas culturais tomadas como representativas da produção de significados e de práticas que operam na cultura contemporânea.

1 NOTAS SOBRE NARRATIVAS: ALGUMAS INSPIRAÇÕES TEÓRICAS DO ESTUDO

Silveira (2005) entende o discurso narrativo como “um discurso profundamente conectado com a invenção, criação e estabilidade das práticas culturais em geral e das

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



escolares, em particular, assim como das identidades e representações produzidas por essas práticas” (p.198). A autora assume, ainda, que narrativa é “um tipo de discurso que se concretiza em textos nos quais se representa uma sucessão temporal de ações apresentadas como conectadas – de alguma forma – entre si, com determinados personagens ou protagonistas, em que haja uma transformação entre uma situação inicial e final e/ou intermediárias” (p. 198). Segundo ela, as práticas culturais cotidianas, uma conversa vizinhas, colegas de trabalho, amigos etc., bem como alguns textos midiáticos, uma aula na escola, etc. se valem de pequenas narrativas, de “textos particulares que narram eventos, fazem protagonistas agirem em ambientes e tempos, apresentam circunstâncias, apontam causalidades ou continguidades que às vezes ‘resultam’ em causalidades” (p. 199). Nesse sentido, “a cultura é alimentada, criada, reproduzida, reforçada e, por vezes, subvertida, largamente, pelas narrativas com protagonistas pontuais, em circunstâncias e lugares datados” (SILVEIRA, 2005, p. 199). Da mesma forma, Culler (1999) afirma que a narrativa, a partir dos anos 1960, dominou a educação literária e que, cada vez mais, as teorias literárias e culturais têm afirmado a centralidade cultural da narrativa.

Arfuch (2006) afirma que é através das histórias contadas, nos diários íntimos, nos jornais, nas novelas, nas filas de banco etc. que conseguimos entender determinados episódios, “quer ao pensar nas nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo” (p. 85). Da mesma forma, Bonin (2007), nos dirá que “somos produzidos e produzimos a nós mesmos em narrativas, em histórias que contamos, que lemos, que articulamos ou contrapomos constantemente a outras” (p. 49). A autora salienta que, as narrativas não invenções individuais, dependentes da vontade dos sujeitos, mas são “produzidas dentro de certas condições e de acordo com certas convenções estabelecidas socialmente” (p. 50). Bonin (2007) ressalta que as narrativas não dependem exclusivamente dos sujeitos, uma vez que elas não representam apenas as coisas do mundo, mas são produzidas dentro de tais condições. Nesse sentido, de acordo com os argumentos da autora, “somos capazes de dar

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



sentidos às nossas vidas e acontecimentos porque participamos das redes de comunicações³” (p.50).

Em nossas conversas cotidianas, contamos histórias – produzimos personagens (nós, os outros), dramas, finais felizes ou infelizes, acontecimentos insólitos e bizarros; construímos vínculos com as histórias de outras pessoas, organizamos nossas experiências e conhecimentos; estabelecemos práticas, limites e sanções/punições. Nessa direção, os depoimentos que compõem o webdocumentário são tomados aqui, para fins deste artigo e da pesquisa que venho desenvolvendo, como narrativas que descrevem e, portanto, produzem um modo de narrar a Feira, a partir de suas transformações em crescente expansão – espaço físico, público, atividades culturais, programação, atrativos, etc. – que parecem denotar uma “função social” deste evento em relação à cultura gaúcha. Além disso, tais narrativas integram um conjunto maior de ações voltadas à promoção do livro e da leitura, fazendo parte de ações para a formação de identidades de leitores com base em discursos que ali circulam e se vinculam a outros – midiáticos, cotidianos, de instituições governamentais e não-governamentais, por exemplo, constituindo e posicionando ações associadas a certos entendimentos sobre cultura e práticas culturais.

2 DELINEANDO NARRATIVAS E AÇÕES QUE POSICIONAM A FEIRA DO LIVRO COMO UM EVENTO CULTURAL IMPORTANTE E PECULIAR À CIDADE DE PORTO ALEGRE

Conforme já mencionado anteriormente, a Feira do Livro de Porto Alegre teve início na década de 1950, tendo como inspiração um evento semelhante, que se realizava na Cinelândia, no Rio de Janeiro, a respeito do qual o jornalista gaúcho Say Marques trouxera informações para os livreiros locais estimulando-os a promover algo parecido para

³Segundo Sacks citado por Garcez (2001), existe uma espécie de “armazenamento” de experiências e depoimentos por parte das pessoas em geral. Tal armazenamento de histórias serve de repositório de narrativas, que poderão ser (re)contadas frente às oportunidades que surgem cotidianamente – oportunidades essas que se estabelecem por meio da conversa e da interação social.

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



popularizar o acesso ao livro. Aliás, tal intenção aparece explicitada no *slogan* da 1ª edição do evento, marcada pela expressão: “Se o povo não vem à livraria, vamos levar a livraria ao povo”. Tal edição contou com 14 expositores espalhados em um dos pontos de maior circulação de pedestres da cidade. Mas, por certo, além da intenção de promover a popularização do livro, os promotores da Feira também almejaram a venda de livros e a ampliação do mercado literário. Desde sua primeira edição este evento, que passou a ocorrer anualmente, sendo realizado em locais públicos: primeiramente era restrito à Praça da Alfândega passando, posteriormente, a ocupar, também, parte de prédios vizinhos, localizados no chamado “centro histórico de Porto Alegre”. Atualmente a Feira do Livro tem sido caracterizada como um dos maiores eventos culturais da América Latina realizado em espaços abertos, abrangendo programações dirigidas há públicos de diferentes faixas etárias, ocorrendo por aproximadamente quinze dias – o período compreendido entre o último final de semana do mês de outubro e o segundo domingo de novembro.

A Feira do Livro ocupada, na atualidade, uma área de aproximadamente 24 mil metros quadrados (que a cada ano se amplia e se ramifica por outras partes do centro da cidade), localizada na Praça da Alfândega e seus entornos, no centro arquitetônico e histórico da cidade de Porto Alegre, tombado pelo poder público municipal desde 1987 (DEROSSO; ORTIZ; SODRÉ, 2000). Assim, o evento espalhou-se por diferentes espaços desse patrimônio histórico, ocupando ruas, salas do Memorial do Rio Grande do Sul, do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, da Casa de Cultura Mário Quintana, do espaço Santander Cultural, dos Bancos Safra e Meridional, o prédio do jornal Correio do Povo, do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, do Centro Cultural CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica) Erico Veríssimo e os armazéns do Cais do Porto.

Acompanhando as muitas modificações que o evento foi passando ao longo do tempo, nas últimas edições, estabeleceram-seas seleções prévias de dias temáticos⁴,

⁴ Apresento, na sequência, as temáticas escolhidas para cada um dos dias da 58ª edição da Feira: *Bibliotecas* (26/10), *Jorge Amado* (27/10), *Bem Viver* (28/10), *Cuba* (29/10), *Viagem* (30/10), *Poesia* (31/10), *Imagem e Literatura* (1º/11), *América Latina* (2/11), *HQ* (3/11), *Literatura Fantástica* (4/11), *Rio Grande do Sul* (5/11),

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



delineando algumas das ações e atividades, que passaram a incorporar a programação permanente da Feira. Além disso, focalizam-se atividades culturais realizadas no período da Feira. Cabe registrar que à medida que o evento foi crescendo em termos de proporções, outras ações foram sendo incorporadas à sua programação, estando entre essas a realização de mesas-redondas, palestras e debates sobre temas de diferentes ordens, tais como sustentabilidade, cinema e literatura, direitos autorais, patrimônio artístico, memória e preservação, perspectivas da economia brasileira frente à crise mundial, envelhecimento e longevidade, poesia, etc. Ao lado dessas passaram a ser realizados seminários nacionais para a discussão de questões como o papel da biblioteca e da leitura no desenvolvimento da sociedade, bem como da crítica e da literatura e sobre o papel do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Além desses temas foram também já discutidos: o papel do poder público na criação de políticas de leitura para estados e municípios contando com a presença de autores, cartunistas, ilustradores, representantes governamentais e ainda bate-papos com jornalistas, psiquiatras, psicólogos entre outros profissionais, sendo essas atividades direcionadas ao público em geral. Somam-se a isso, apresentações artísticas (musicais, rodas de histórias, saraus literários, grupos de danças folclóricas, orquestras) além de encontros, atividades de contação de histórias e a encenação de peças de teatro destinadas, em especial, ao público infanto-juvenil. Cabe destacar, ainda, as atividades da Hora do Educador e programações escolares (endereçadas para professores com debates sobre temáticas variadas entre elas: acessibilidade e inclusão, narrativas, bibliotecas, leitura, cultura popular, HQs), oficinas (poesia, crônicas, libras, design editorial, haika, origami) e as exibições de filmes, curtas e documentários que focalizam, por exemplo, o suspense, em conto adaptado de Luís Fernando Veríssimo (Noite), desencontros amorosos (Livros no Quintal), relatos de viagens (Mapa-Múndi), intercâmbio cultural (24 horas com Carolina) entre outros.

Ao que parece, na tentativa de atingir um maior número de pessoas, têm sido organizadas sessões temáticas, bem como espaços abertos destinados a determinados

História (6/11), Humor (7/11), Música (8/11), Cultura Popular (9/11), Novos Leitores (10/11) e Consciência Planetária (11/11).

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



públicos, tais como teatro de mesa, literatura, arte e pedagogia, curtas e documentários, crítica e literatura: grandes mestres e seus leitores, oficina de crônicas, poesia na feira, sarau poético, etc., além de serem lançadas obras de autores anônimos e dos já “consagrados”. Tudo isso parece indicar que a Feira cada vez mais se aproxima de uma grande celebração, na qual é destacada uma identidade referencial – a dos leitores e leitoras.

Além disso, é possível dizer que essa mescla de atividades diversificadas em proposição na Feira constitui-se em uma nova e atual forma de investimento na constituição de sujeitos leitores. Aliás, modos assemelhados a esse de posicionar a leitura podem ser encontrados em programas oficiais e escolares, nos quais se enfatiza, com frequência, a importância de a leitura suscitar prazer.

Referindo-se ainda as modificações que vêm sendo processadas na Feira, cabe ressaltar as iniciativas da Câmara Rio-Grandense do Livro que, além de ser a entidade responsável pela organização da Feira – estabelecendo parcerias, mapeando os espaços, selecionando a programação, convidando autores, compondo infraestruturas, assessorando organizadores de feira de livros de outras localidades do Estado – apresenta-se como uma instituição incentivadora de projetos de fomento ao livro e à leitura, bem como de atividades de formação de professores, bibliotecários e agentes multiplicadores da leitura. Nessa direção, a partir de 2002, a CRL, em parceria com instituições de ensino superior, entidades, poder público (a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre/SMED e com a Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul/SEC) e a iniciativa privada, a CRL passou a propor programas e projetos de cunho mais pedagógico, com o objetivo de promover a leitura estabelecendo entrelaçamentos com a programação da Feira do Livro. Mas, tais projetos não ficam circunscritos à Feira, sendo desenvolvidos em diferentes momentos do ano, contando com o acompanhamento e a coordenação dessa entidade. Aliás, muitas dessas atividades são preparatórias à participação de grupos diferenciados durante as atividades culturais realizadas na Feira.

Faz-se necessário mencionar também que as modificações pelas quais passou a Feira, nestes últimos praticamente sessenta anos, nem sempre podem ser estritamente

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



relacionadas a aspectos internos a este evento, estando associadas a um contexto mais amplo de eventos e processos em curso na sociedade, os quais vêm estabelecendo novas formas de organização e negociação dos processos de comunicação, entre os quais está o crescente domínio da tecnocultura, com suas redes de divulgação e informações, tais como a internet, os *sites*, o correio eletrônico, *facebook*, *twitter*, entre outros, além dos canais multimídias, dos telefones celulares. Ampliando-se para esses espaços o próprio *Jornal Zero Hora*, a cada edição e cobertura do evento, tem ampliado cada vez mais os meios que utiliza para a sua divulgação utilizando os recursos e estratégias dos espaços virtuais para divulgação, promoção, comunicação, produção de eventos desse porte o que, de certo modo, marca a instantaneidade, a desterritorialização e a mobilidade na divulgação de informações disponibilizadas, por exemplo, nas páginas da *web*.

Dessa forma, as mudanças percebidas na organização da Feira podem ser configuradas a partir de várias situações que permitem definir ou sublinhar aspectos particulares em relação aos deslocamentos de função e de significado processados a partir da produção, circulação e representação de situações, nas quais são valorizados determinados processos, eventos e instituições da sociedade.

3 MEMÓRIAS DA PRAÇA: UM MODO DE COMPOR NARRATIVAS SOBRE A FEIRA DO LIVRO

Debruçando-me, especialmente, para a organização deste texto, em 2012, na 58ª edição da Feira do Livro, o Grupo RBS⁵, entidade responsável pela promoção e divulgação do

⁵ É importante referir que a partir de 2005, a Feira do Livro passou a ser noticiada em um encarte próprio pelo *Jornal Zero Hora*. Tal encarte, intitulado *Caderno da Feira*, geralmente tem suas páginas identificadas pelo logotipo da Feira (localizado no canto superior esquerdo), no qual é destacado o número anual da edição do evento. As reportagens, compostas por imagens e textos, fazem a cobertura de informações sobre a programação e fornecem os principais destaques durante os dias de realização do evento, trazendo sugestões de autores e obras, entrevistas com autores que estão na pauta da sessão de autógrafos, informes sobre a presença de autores locais, nacionais e internacionais, depoimentos e entrevistas com o público, dicas de roteiros ou espaços a serem visitados, relações de bancas de editoras com livros em promoção e saldos, novidades e curiosidades sobre personalidades da literatura, bem como a cobertura da agenda diária do

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Jornal *Zero Hora*, que figura também entre os principais patrocinadores do evento, inaugurou através de seu site institucional, uma aba (janela) específica, nomeada Feira do Livro, onde o principal destaque é o webdocumentário *Memórias da praça: passado e futuro da Feira*, produzido por editores do Jornal *Zero Hora*, a partir de imagens e fotografias do banco de dados do jornal e do acervo documental da Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL) e de depoimentos de escritores, editores e coordenadores sobre a Feira.

Acessando a página de abertura do site, no campo ao qual se direcionam as publicações da edição anual do evento, é possível visualizar ícones que direcionam a diferentes *links*, que reportam à programação, ao mapa de localização, às notícias, a informações sobre debates e sobre a venda de livros, bem como aos encontros com autores e às oficinas. Este ícone é representado por um infográfico interativo, contendo legendas que demonstram o posicionamento de cada um dos espaços e bancas que integram o evento. Na coluna de notícias, as informações divulgadas são atualizadas em diferentes momentos do dia, sendo sinalizadas pelo horário e pelo título da chamada. Observa-se, na parte superior da página, muitos slogans que chamam a atenção para propagandas comerciais, que são constantemente modificados. Cada item selecionado remete a um hiperlink, que, por sua vez, estabelece uma interação com outro texto, sendo possível ler, ao mesmo tempo, vários sites abertos a partir do acesso a diferentes *links*.

No *link*, em destaque, na parte superior da página, esta em evidência o documentário sobre a Feira que tem, aproximadamente, oito minutos de duração. Observa-se que as estratégias narrativas utilizadas para falar/contar à história deste evento contêm interações entre imagens, fotografias e sons, mesclando sequências de fotos (coloridas e em preto e branco) como um recurso para identificar o que é mais contemporâneo e o que corresponde às edições mais antigas da Feira, as quais são entremeados depoimentos e relatos de múltiplas histórias pessoais. O fio condutor da narrativa fica evidenciado logo na primeira intervenção do locutor, que é um questionamento: “Quantos milhares de leitores ela [a

patrono e suas ações ao longo do evento, entre outros informativos diversos sobre a programação e atividades da Feira.

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



feira] formou ou abasteceu nos últimos quase sessenta anos?”. Quase imediatamente um livro se abre e é dado início à narrativa. Cada página desse livro é constituída de diferentes imagens, que apresentam distintos momentos da Feira. No entanto, a maior parte delas faz alusão às ações das pessoas que circulam pelo evento, manuseando e folheando livros ou assistindo as apresentações culturais ali realizadas.

Além dos livros, em formatos variados (cores, arte gráfica, espessuras, ilustrações, quantidade de páginas), posicionados em evidencia e em interação com o público, o documentário dá destaque à expansão desse evento, tanto num sentido espacial, demonstrando as ampliações da praça e as extensões para outros ambientes de seu entorno (museus, prédios históricos, espaços culturais, armazéns do Cais do Porto, orla do Guaíba), em função do número de visitantes e expositores que cresce a cada edição, quanto da proliferação de atrações e manifestações culturais. O documentário faz, especialmente, a celebração do livro, neste evento já consolidado e, ao mesmo tempo, dá destaque às atividades paralelas promovidas durante a sua realização, salientando a “função social” que essas agregam ao evento. Pode-se dizer, assim, que ecoa neste documentário, um discurso que posiciona a Feira do Livro como um importante espaço/evento promotor da expansão da cultura sul-riograndense. Como o documentário também destaca, a função social deste evento se explicitaria na quantidade de ações/projetos culturais distribuídas em três áreas – Educação, Cultura e Cidadania. Entre essas ações foram nele destacados: o programa de Leitura Adote um Escritor; o projeto A Feira vai à FASE; o programa Fome de Ler e o projeto Semana do Livro, todos eles viabilizados por patrocínios e parcerias entre os setores públicos e a iniciativa privada. É salientado no vídeo, as ações de fomento e de incentivo à leitura direcionam-se não só a estudantes, mas, também, a todo o público que circula pelos espaços da Feira. Destaca-se ainda que, esses são projetos que buscam estabelecer vinculações entre leitura, enquanto direito individual, e enquanto meio para transformação social, encetadas a partir de um projeto configurado como coletivo.

O documentário registra, ainda, a dimensão quantitativa das atividades culturais promovidas especificamente na 58ª edição da Feira, envolvendo o público nos espaços do

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



evento: a programação incluiu cerca de 730 sessões de autógrafos, 196 mesas redondas e debates, 196 atividades infantis e juvenis (contações de histórias, encontros com autores, exposições de documentários, dramatizações, teatros de bonecos), 116 apresentações artísticas (musicais, sessões de cinema, rodas de histórias, saraus literários, grupos de danças folclóricas, orquestras), 73 atividades na Hora do Educador e programações escolares (endereço para professores com debates sobre temáticas variadas entre elas: acessibilidade e inclusão, narrativas, bibliotecas, leitura, cultura popular, HQs) e 32 oficinas (poesia, crônicas, libras, design editorial, haika).

A seguir, na sequência destacada na Figura 1, reproduzo uma série de fotografias que compõem esse documentário, sendo a primeira parte delas, em preto e branco, relacionadas às primeiras edições do evento, retomando aspectos sóbrio, sisudo, cerimonioso, formal que lhe era característico em outras épocas; nas imagens coloridas, reproduzem-se disposições mais atuais da Feira, posicionando em destaque a quantidade de pessoas (dos mais variados tipos de públicos) que circulam diariamente pelos espaços, a forma de disposição dos estantes repletos de opções de obras de diferentes gêneros e formatos a serem adquiridos; já na parte final, são colocados em relevo imagens de alguns dos depoentes, seguidas da indicação de sua função, sendo alguns entrevistados em ambientes da própria feira ou em seus ambientes de trabalho.



V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

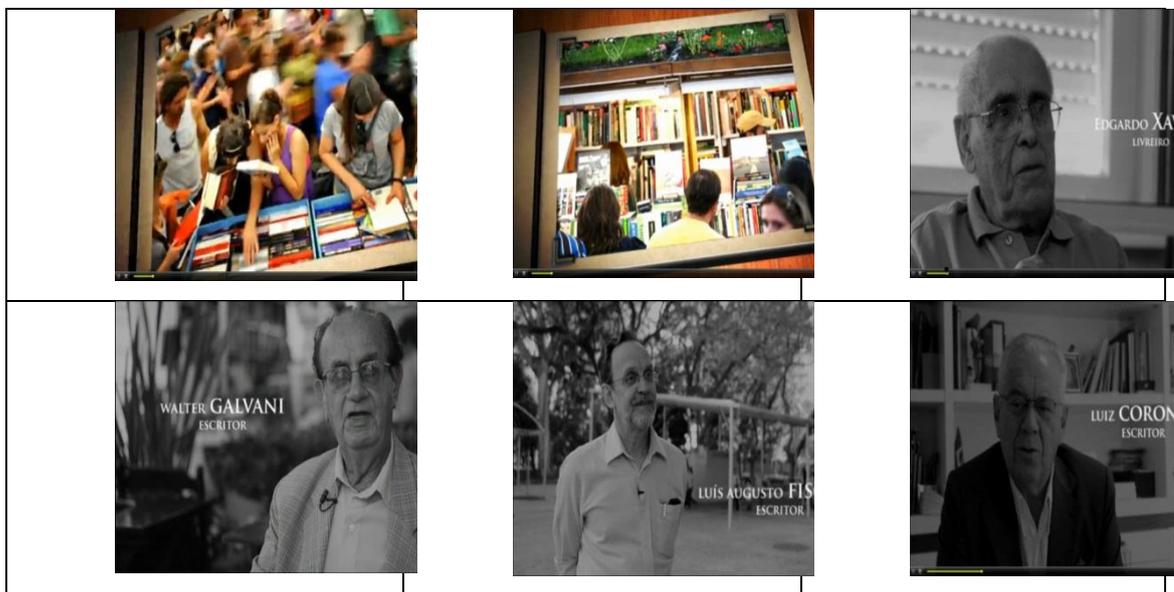


Figura 1 – Imagens do *webdocumentário* publicado no site do Grupo RBS.

Detendo-me nas narrativas que compõem o documentário, registram-se depoimentos de livreiros, escritores locais, editores e coordenadores executivos acerca da Feira. De modo geral, tais narrativas retomam as relações dos depoentes com a Feira, retomando recordações de edições passadas ou momentos significativos de sua relação enquanto morador de Porto Alegre, frequentadores, autores, escritores, organizadores, ou ainda, expositores consolidando sentimentos de pertencimento, diante de narrativas que constituem e legitimam o evento enquanto representativo para a cultura gaúcha. De acordo com Sarlo (2007), tais sentimentos fazem parte de uma invenção na qual selecionamos o sentido que queremos conferir ao passado, ou ainda, é a forma segundo a qual legitimamos certas práticas, fornecendo a elas poder simbólico em torno de discursos que reproduzimos, e a forma como vamos recontando a história ou as memórias de determinado tempo, fato, acontecimento.

No depoimento que abre o documentário Edgardo Xavier representante da Livraria José Olympio e um dos expositores desde as primeiras edições da Feira, retoma lembranças da inauguração na década de 1950, seus objetivos e de onde partiram às inspirações para elaboração do evento. Os destaques do livreiro dão ênfase às muitas atividades que foram

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



sendo incorporadas ao longo do tempo à programação assim como, na medida em que foram sendo realizadas, deram “forma” ao evento. O livreiro faz referência em sua narrativa aos muitos “atrativos” para o público ir ao espaço da Feira, num modo de democratização do livro. Nesse sentido, diz o livreiro: “(...) então vieram os autógrafos, os patronos, as apresentações teatrais, as sessões de autógrafos, os encontros com os autores, enfim os muitos atrativos para a Feira, contemplando leitores de todos os tipos de literatura” (Edgardo Xavier).

Na sequência, dois escritores gaúchos e também ex-patronos do evento, respectivamente, Luiz Coronel e Walter Galvani, ao compor suas narrativas sobre a Feira, posicionam em destaques apelos as diferentes formas e crescente expansão do evento. Para tanto, destacam

Na medida em que a Feira coloca na mão dos leitores 500 mil livros, na medida em que ela propicia que novos escritores lancem seus primeiros livros, na medida em que ela inicia na leitura milhares de crianças num departamento infantil, eu acho que ela permanece fiel aos seus objetivos (Luiz Coronel).

A Feira se expandiu muito e ultrapassou os limites antigos da Praça da Alfândega, além disso, se antes era uma Feira apenas de venda, ela [a feira] passa a ser gradativamente uma feira de leitura, de formação de leitores, de conversas com escritores, abrindo-se cada vez mais para atividades paralelas destacando-se um volume de atrações e de manifestações culturais que ocorrem nestes dias na praça, é de uma significância muito grande para a cidade (Walter Galvani).

No desfecho do documentário, segue os depoimentos de Luís Antônio de Assis Brasil, escritor e atual Secretário Estadual de Cultura do RS, Jussara Rodrigues, coordenadora da Feira e Leonardo da Silveira representante da Câmara Rio-Grandense do Livro que debatem brevemente o futuro do livro e do próprio evento, uma vez que afirmam ter a Feira, acompanhado as transformações do tempo em que vivemos, fazendo destaques ao advento e popularização das tecnologias digitais que tem propiciado cada vez mais o deslocamento da leitura em suporte impresso para suporte digital. Para eles é consensual que

O livro nunca vai deixar de existir, ele pode mudar o seu suporte, talvez o livro seja o suporte de menor duração de todos os suportes que o livro já teve, se a gente

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



pensar nos papiros egípcios são dois mil e quinhentos anos, os pergaminhos da idade média são mil e duzentos anos, nas tabuinhas cuneiformes da mesopotâmia mil e oitocentos anos, o livro tem quinhentos anos (Assis Brasil).

Nessa direção, as mudanças referidas estariam relacionadas há introdução de outros suportes de leitura, tais como *Ebooks* e os *Tablets* nos próprios espaços da Feira. Os destaques problematizam as diferentes formas e possibilidades de interação com o texto, entretanto, parece haver um consenso de que o uso e comercialização dos meios digitais e eletrônicos não indicam a substituição da materialidade do livro pelos artefatos eletrônicos.

4 ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

As análises empreendidas, a partir das narrativas destacadas no documentário, permitem registrar como ali são produzidas e vinculadas distintas representações não apenas sobre o que significa o livro, a leitura e as práticas culturais a esses vinculadas, mas igualmente de práticas de consumo diferenciados. Além disso, tem-se configurado, como um local no qual se mobilizam e criam muitas ações entre as quais estão às que em parecem destacar/delinear/configurar uma identidade cultural para a cidade e para a própria Feira. Nessa mesma direção, é importante registrar, que a Feira do Livro tem-se delineado como um importante espaço pedagógico, no qual estão em operação práticas culturais contemporâneas vinculadas à leitura e à configuração do que é literário, sendo então, nesse sentido, nela produzidas e veiculadas distintas representações não apenas sobre o que significa o livro, a leitura e as práticas culturais a esses vinculadas, na época atual, mas igualmente de práticas de consumo de diferentes artefatos colocados em destaques neste evento.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. La esfera íntima contemporánea: espacios y narrativas. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Educação e Cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**, Canoas: Ed. Ulbra, 2006.

BENTANCUR, Paulo; FONSECA, Joaquim da. **A Feira do Livro de Porto Alegre: 40 anos de História**. Porto Alegre: Câmara Rio-Grandense do Livro, 1994.

BONIN, Iara Tatiana. **E por falar em povos indígenas...: quais narrativas contam em práticas pedagógicas?** Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (Tese de Doutorado em Educação), 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**. São Paulo: Beca, 1999.

DEROSSO, Simone; ORTIZ, Hellen; SODRÉ, Elaine (Orgs). **Os Bastidores da Feira do Livro**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

FERRAZ, Deise Luiza da S. **“Livros em Festa”: a cultura organizacional da Feira do Livro de Porto Alegre**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (Mestrado em Administração), 2006.

GALVANI, Walter. **Feira do Livro de Porto Alegre 50 anos**. Porto Alegre: Câmara Rio-Grandense do Livro, 2004.

GARCEZ, Pedro. **Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana**. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Teresa Lopes (Orgs.). *Narrativa Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação e Realidade**, nº 22, v. 2, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, jul./dez. 1997.

KELLNER, Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, Dênis (Org.). **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado: cultura en la memoria y giro subjetivo: una discusión**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Discurso, Escola e Cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: _____. (Org.). **Cultura, poder e Educação: um debate sobre Estudos Culturais e Educação**. Canoas: Ed. Ulbra, 2005.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises Culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

ZANCHETTA, Sônia. **Organização de Feiras de Livros**. 2ª ed. Porto Alegre: Câmara Rio-Grandense do Livro, 2006.

SITES CONSULTADOS

<http://www.camaradolivro.com.br/>. Acesso em: julho de 2013.

<http://www.cultura.gov.br/site/>. Acesso em: julho de 2013.

<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/>. Acesso em: julho de 2013.

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/>. Acesso em: agosto de 2013.

<http://www.rbs.com.br/midias/index.php?pagina=jornal/>. Acesso em: agosto de 2013.